

**REVISÃO - REVISION - REVISIÓN****Influência das mídias sociais na automedicação na pandemia da COVID-19**

Influence of social media on self medication in the COVID-19

Influencia de las redes sociales en la automedicación en la pandemia de COVID-19

Irineu Ferreira da Silva Neto , Isadora Ellen Feitoza Ricardino , Maria Nathalya Costa Souza , Annalu Moreira Aguiar 

Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte (FMJ), Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil

RESUMO

No contexto atual, os meios de comunicação, como a internet, divulgam informações sobre estudos de tratamentos experimentais para COVID-19, desencadeando automedicação. Objetivou-se apresentar a influência das mídias sociais frente a automedicação durante a pandemia da COVID-19. Trata-se de uma revisão de literatura, realizada nas bases de dados SciELO e PubMed, utilizando-se os descritores: *Fake News*, *Self-medication*, *COVID-19*, *Social media* e *Risk*, combinados pelo operador booleano "AND". Selecionou-se publicações entre janeiro e junho de 2020, em inglês. Constatou-se que as mídias sociais se configuram como uma fonte de obtenção de informações, durante a pandemia. A partir dos meios digitais, a população obtém conhecimento acerca de terapias, favorecendo a automedicação. Medidas como monitoramento de informações compartilhadas nas redes e maior cautela dos profissionais no momento da disseminação de descobertas são fundamentais para que se possa minimizar os riscos causados pela automedicação.

Palavras-chave: Automedicação; COVID-19; Mídias sociais; Risco.**Histórico do Artigo**

Recebido	26 Janeiro 2021
Aprovado	03 Agosto 2021

Correspondência

Irineu Ferreira da Silva Neto
 Av. Tenente Raimundo Rocha, 515
 Cidade Universitária, CEP: 63040-360
 Juazeiro do Norte, Ceará.
 E-mail: yrineuferreira@gmail.com

Como citar

Silva Neto IF, Ricardino IEF, Souza MNC, Aguiar AM. A influência das mídias sociais na automedicação na pandemia da COVID-19. Rev. Saúde Col. UEFS 2022; 12(1): e-6200.



INTRODUÇÃO

As cepas de coronavírus são conhecidas desde 1960, e, geralmente, causam até 15% de resfriados comuns em seres humanos a cada ano, principalmente em formas leves. Anteriormente, duas variantes do coronavírus causavam doenças graves: Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), em 2002, com distúrbio respiratório agudo grave, resultando em 9,6% de letalidade; e Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), em 2012, com uma taxa de letalidade mais alta de 34,4%. O novo coronavírus (SARS-CoV-2) é o sétimo coronavírus conhecido por infectar seres humanos, é um vírus de RNA de cadeia simples positivo que, provavelmente, se originou em um mercado de frutos do mar em Wuhan, em dezembro de 2019. Desde então, a doença do coronavírus, nomeada COVID-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), afetou milhões de pessoas em todo o mundo, tornando-se um problema de saúde pública¹.

A internet é a maior e mais rápida fonte de obtenção de informações e milhões de pessoas buscam dados sobre saúde todos os dias. No contexto da pandemia da COVID-19, recomenda-se o distanciamento físico e o uso das tecnologias de comunicação à distância. À medida que o vírus continua a se propagar, a necessidade de obter informações sobre a doença, sua prevenção e comunicação de riscos tornou-se maior para as pessoas. Métodos “infodemiológicos”, como uma pesquisa *online* de tráfego no Google, são amplamente utilizados para entender os comportamentos de pesquisa do público durante uma epidemia, bem como, para fins de vigilância em saúde pública. Várias fontes *online*, como Facebook®, Twitter® e registros eletrônicos de saúde, têm ampla aplicação em estudos infodemiológicos².

Uma infodemia pode ser definida como uma quantidade excessiva de informações sobre um problema, de modo que a solução se torne mais difícil. O resultado final é que um público ansioso acha dificuldade em distinguir entre informações baseadas em evidências científicas e uma gama de informações errôneas de fontes não confiáveis. A propagação do SARS-CoV-2 é acompanhada por uma grande quantidade de desinformação médica, rumores e teorias de conspiração sem respaldo provenientes de canais não filtrados, frequentemente disseminados pelas mídias sociais e outros meios de comunicação. Esse infodêmico agora apresenta um sério problema para a saúde pública³.

O primeiro estudo sobre mídia social remota durante uma pandemia ocorreu com a H1N1, em 2009, acompanhando a prevalência de informações erradas (determinadas em 4,5%), uso de terminologia (“H1N1” *versus* “gripe suína”), sentimentos e medo do público e relações entre incidência de casos e interesse público. A OMS declarou que atualmente está combatendo não apenas uma epidemia internacional, mas também uma infodemia de mídia social, porque acelerou informações e desinformações em todo o mundo, alimentando pânico e medo entre as pessoas. Os usuários das mídias

sociais usam as plataformas para expressar suas emoções, sentimentos e pensamentos, o que pode ser uma fonte valiosa de dados para a pesquisa em saúde mental⁴.

A mídia detém grande poder de persuasão e de formação de opinião pública e é considerada por alguns como um quarto poder. Com o objetivo de formar a opinião, os meios de comunicação utilizam técnicas baseadas em abalo psíquico e repetição, dessa forma, as pessoas tornam-se mais susceptíveis a acreditar no que lhe é apresentado⁵. É uma ferramenta de grande relevância na comunicação, mas a sua prática deve ser discutida, bem como analisada por aqueles que as produzem e para quem recebe as informações⁶.

Sem evidências de terapias eficazes, o público em geral e os meios de comunicação têm procurado internacionalmente buscar experiência com vários tratamentos, divulgando informações sobre muitos estudos de tratamentos experimentais para a COVID-19, incluindo Lopinavir/Ritonavir, Hidroxicloroquina, Tocilizumab e Ivermectina, mesmo que esses estudos sejam preliminares e mostrem resultados mistos. Essa disseminação de informações resulta no uso indiscriminado de medicamentos e, conseqüentemente, pode proporcionar sérios riscos à saúde da população⁷.

Diante dos dados expostos, esse estudo objetivou investigar a influência das mídias sociais na automedicação durante a pandemia da COVID-19.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, que utilizou uma busca por pesquisas científicas presentes nas bases de dados: SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e PubMed (*National Library of Medicine*), a partir da utilização dos seguintes descritores: *Fake News*, *Self-medication*, COVID-19, *Social media* e *Risk*, combinados pelo operador booleano “AND”, com o objetivo de aprimorar a busca de estudos, a qual ocorreu no mês de julho de 2020.

Os critérios de seleção estabelecidos compreendem artigos datados entre janeiro e junho de 2020, publicados no idioma inglês, de caráter exploratório ou experimental que apresentassem pelo menos dois descritores específicos. O critério de seleção de artigos apenas do idioma inglês deu-se pela carência de estudos robustos em outras línguas, como português e espanhol, que cumprissem os requisitos de seleção estabelecidos pelos autores. Após o processo de seleção das publicações para a realização desse estudo, a partir da leitura de várias pesquisas pelos autores, buscou-se artigos que se encaixassem nos critérios de inclusão estabelecidos. Já como critério de exclusão, foram retiradas publicações que não fossem obtidas através da opinião de especialistas, estudos incompletos, fora da linguagem e do período de tempo delimitado pelo estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo de seleção, identificaram-se 219 (duzentos e dezenove) estudos nas bases de dados, selecionados

a partir das seguintes combinações de descritores: *Fake news* “AND” COVID-19; *Self-medication* “AND” COVID-19; *Self-medication* “AND” Risk; *Self-medication* “AND” *Social media*. A quantidade de estudos encontrados encontra-se representada na Figura 1.

Automedicação na pandemia da COVID-19

A automedicação, também conhecida como autocuidado/ autoadministração, é uma prática mundial em que pessoas, famílias e/ou comunidades escolhem medicamentos para tratar condições ou indicações de saúde sem a opinião de um

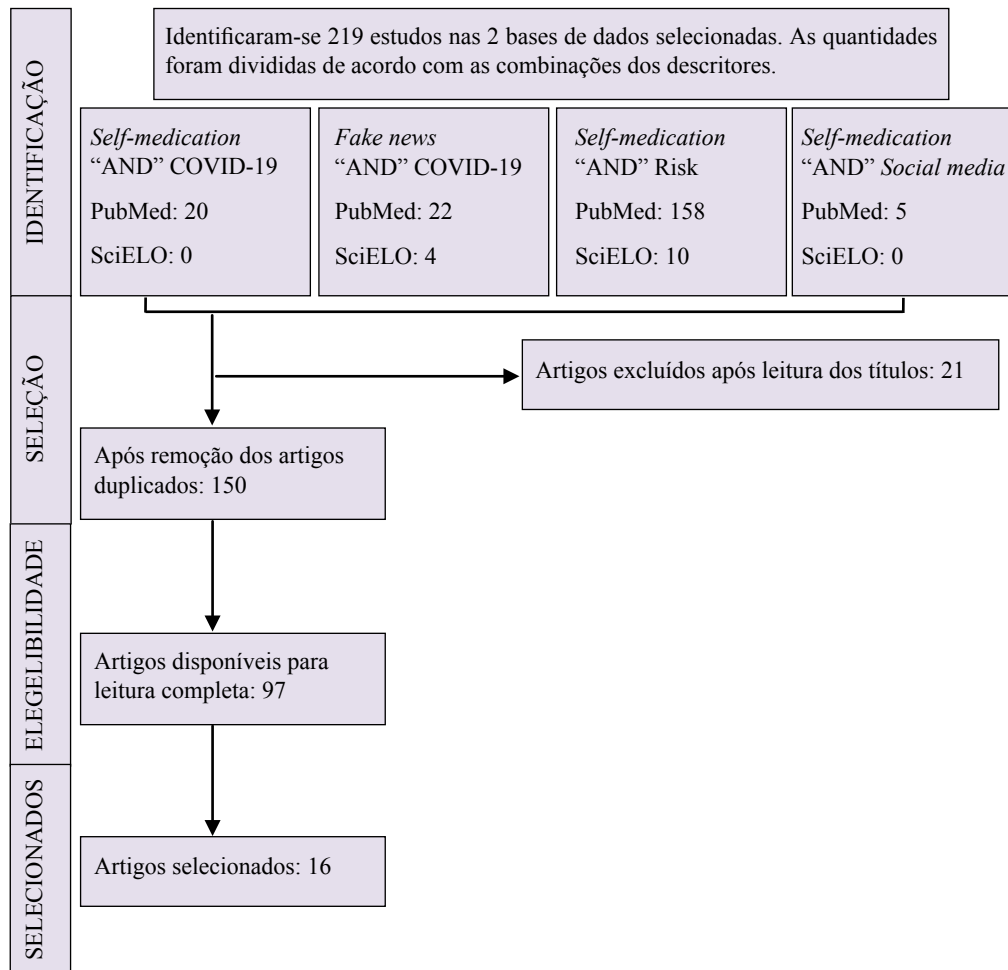


Figura 1. Estudos encontrados nas bases de dados a partir dos descritores em inglês.
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

profissional médico. Tem se tornando uma área de interesse significativa na pesquisa em saúde, pois dá aos indivíduos com doenças menor liberdade para fazer escolhas independentes sobre como gerenciar sua própria condição médica e bem-estar, sem necessariamente ir ao hospital. Durante a atual pandemia, a automedicação alivia enormemente o ônus cobrado dos médicos, farmacêuticos e outros profissionais de saúde de fronteira aliados no tratamento de doenças menores⁹.

A prática baseada em evidências, introduzida há mais de duas décadas, tornou-se indispensável no tratamento médico de pacientes em todo o mundo. Esse conceito sustenta que o uso consciente, explícito e racional do melhor conhecimento atual deve ser aplicado na tomada de decisão no cuidado de pacientes individuais. Na melhor das hipóteses, os ensaios clínicos de alta qualidade devem ser considerados na tomada

de decisão. Esta prática combina as melhores evidências científicas disponíveis com a experiência clínica e as preferências do paciente para otimizar a tomada de decisão clínica. Para alcançar melhores resultados para os pacientes, a implementação da abordagem baseada em evidências é hoje uma rotina para uma variedade de profissionais de saúde, incluindo, também, a equipe farmacêutica¹⁰.

Existe uma necessidade premente de manter um serviço público de informações sobre drogas, combinando a experiência das sociedades acadêmicas de farmacologia, da rede de farmacovigilância e do Ministério da Saúde, para fornecer rapidamente respostas compreensíveis, claras e especializadas às preocupações da população em geral com relação à COVID-19 e uso de medicamentos para combater notícias falsas¹¹.

A Hidroxicloroquina e a Cloroquina foram dois medicamentos de grande ênfase na mídia, durante o último ano. A repercussão da utilização desses medicamentos no tratamento de pessoas positivadas para COVID-19, aliada ao apoio do governo na defesa do uso desses medicamentos como uma cura para a infecção, levou ao aumento da procura desses medicamentos nas farmácias. O Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais, por exemplo, observou o aumento de cerca de 75% nas vendas da Hidroxicloroquina nas farmácias de todo o estado¹².

Outro fator que contribuiu para o aumento da automedicação, durante o ano de 2020, foi a desobrigação da retenção de receita para os medicamentos Nitazoxanida e Ivermectina. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), essa desobrigação se deu pelo fato desses dois medicamentos não estarem em risco de desabastecimento no mercado farmacêutico. Atrelado a isso, a propagação de notícias e estudos que expunham a Nitazoxanida e a Ivermectina como medicamentos preventivos à infecção pelo novo coronavírus, tornaram essas duas substâncias alvos da procura por parte da sociedade¹³.

Influência das mídias sociais na automedicação

Os participantes do estudo de Ahmad e Murad⁴ relataram que a mídia social tem um impacto significativo na disseminação do medo e do pânico relacionados à pandemia da COVID-19, com uma potencial influência negativa na saúde mental e no bem-estar psicológico das pessoas. A pesquisa foi realizada na região do Curdistão, no Iraque, e relatou que o Facebook® foi a rede de mídia social mais usada para espalhar pânico sobre a COVID-19. Constatou-se uma correlação estatística positiva significativa entre o uso de mídia social autorreferido e a disseminação do pânico relacionado à COVID-19.

O acesso a informações clínicas e o compartilhamento rápido de dados são essenciais. É uma necessidade que salva vidas, representando uma tremenda vantagem de conhecimento crucial para a população como um todo. Mas, como podem-se diferenciar informações confiáveis e fatos alternativos? As notícias falsas podem ser disfarçadas, discriminar e prejudicar os seres humanos, destruir a confiança no sistema médico e neutralizar os atos necessários para mitigar ou suprimir um

surto. Notícias e mitos falsos, não específicos para tempos de crise, agravam a situação, sendo que a internet e as mídias sociais são o seu terreno fértil¹⁴.

À medida que a pandemia da COVID-19 se espalha, os meios de comunicação sociais surgiram como um importante meio de socialização, bem como uma maneira de buscar e compartilhar informações sobre a doença. No processo, isso permitiu uma explosão de informações não verificadas e a disseminação de informações erradas. O uso de mídia social aumentou de 20 a 87% em todo o mundo durante a crise. Somente na Itália, todos os dias em março de 2020, uma média de 46.000 notícias no Twitter eram imprecisas e estavam vinculadas a informações incorretas sobre a crise³.

O bombardeio massivo da mídia com relação a tratamentos para a COVID-19 e o aumento do número de médicos que prescrevem esses tratamentos levaram as pessoas a invadirem farmácias e comprar estoques de medicamentos disponíveis, como a Hidroxicloroquina e vários outros. Assim, milhares de pacientes com Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES) e Artrite Reumatoide (AR) não conseguem adquirir seu tratamento, devido à escassez desses produtos em todo o país. Postagens de mídias sociais de pacientes com LES e AR estão frequentemente solicitando pessoas para vender ou doar Hidroxicloroquina, que foi comprada para a profilaxia da COVID-19⁷.

Em pesquisa realizada pela Organização de pesquisa IQVIA, constatou-se um aumento considerável nas vendas de medicamentos relacionados à COVID-19. O estudo comparou a venda de medicamentos no início do ano, quando os casos da doença aumentaram, relacionado com o mesmo período do ano passado¹⁶. Esses dados podem ser visualizados na Tabela 1.

O aumento da procura por essas substâncias se dá principalmente pelo compartilhamento de informações online sobre a prevenção, como é o caso da Vitamina C, ou sobre a cura da COVID-19, como é o caso da Hidroxicloroquina. Em contrapartida, as vendas do medicamento Ibuprofeno caíram no primeiro trimestre de 2020, podendo ser explicado pelo fato de que as informações propagadas expõem que seu uso é contraindicado para a COVID-19. A grande problemática relacionada a automedicação, é a quantidade de riscos que esses medicamentos e/ou princípios ativos podem acarretar a seus usuários¹⁶.

Tabela 1. Vendas de medicamentos e/ou princípios ativos nos três primeiros meses do ano, por caixa

Medicamento/Princípio ativo	Primeiro trimestre/2019	Primeiro trimestre/2020	%
Ácido ascórbico (Vitamina C)	9.327.016	26.116.340	180,01%
Colecalciferol (Vitamina D)	4.440.289	6.019.038	35,56%
Dipirona sódica	30.226.256	46.716.599	54,56%
Hidroxicloroquina	231.546	388.829	67,93%
Ibuprofeno	15.010.195	14.615.066	-2,63%
Paracetamol	11.150.452	19.774.819	77,35%

Fonte: Adaptado do Conselho Federal de Farmácia (2020).

Riscos associados a automedicação

Diversas podem ser as consequências da automedicação, o aparecimento de efeitos adversos resulta em desde sintomas mais leves, até os mais graves. Muitos autores relatam a importância de se conhecer e de incentivar o uso racional de medicamentos, a fim de diminuir seus riscos, já que este se configura como um problema de saúde pública. Ressalta-se ainda que muitos dos produtos propostos para o tratamento da COVID-19 são ineficientes. E, quando utilizados de forma inadequada, provocam sérias consequências aos usuários^{11,17}.

Hidroxicloroquina

A Hidroxicloroquina vem sendo utilizada no contexto da COVID-19 por inibir a acidificação endossomal que é necessária para a fusão das membranas celulares entre o vírus e a célula hospedeira. Além da falta da Hidroxicloroquina, em farmácias, para a utilização por pessoas que necessitam desse medicamento para as finalidades corretas, a automedicação com este fármaco possui relação com a aparição de diversos efeitos adversos, como por exemplo: hipotensão, hipocalcemia, bloqueio atrioventricular, arritmias e até o coma. É importante ressaltar, que a Hidroxicloroquina possui um estreito índice terapêutico, ou seja, sua dose efetiva é muito próxima da sua dose tóxica, o que pode facilmente levar o paciente a ter algum dos sintomas supracitados, especialmente em casos de automedicação. Dessa forma, é necessária uma avaliação minuciosa de prescritores e contínuo monitoramento para evitar os possíveis riscos. Além disso, constatou-se que a Hidroxicloroquina teve pouco ou nenhum efeito no tratamento da COVID-19, sendo assim, deixou de ser prioridade nas pesquisas direcionadas à pandemia^{12,18}.

Anti-inflamatórios Não Esteroidais (AINE)

Os AINE atuam na inibição da atividade das enzimas ciclooxigenase e, conseqüentemente, bloqueiam a produção das prostaglandinas que são responsáveis pelo desencadeamento dos sintomas de uma inflamação local, como febre e dor. Sabe-se que a utilização de AINE pode agravar certas infecções e levar a um curso complicado de pneumonias. Isso acontece, pois é possível que a ingestão desses anti-inflamatórios suprima os sintomas da inflamação, como febre e dor, e atrase a detecção dessa pneumonia e conseqüente início do tratamento adequado para aquele caso¹⁹.

O Ibuprofeno é um AINE que demonstrou aumentar a expressão da Enzima Conversora de Angiotensina II (ACE2) em ratos e diminuir os efeitos da Angiotensina II e, dessa forma, causar danos pulmonares, inclusive em infecções por SARS-CoV-2. A preocupação acerca da utilização do Ibuprofeno se dá pelo fato de que, por aumentar a expressão da ACE2, esses níveis elevados da enzima possam aumentar o risco de contrair a COVID-19 e/ou causar quadros graves²⁰, o que pode ser um dos motivos pelo qual houve diminuição da comercialização desse fármaco no primeiro trimestre de 2020.

Vitamina D

A vitamina D é usada como um regulador do equilíbrio das concentrações de cálcio no corpo humano e cada vez mais é conhecida por seus papéis em diferentes funções, como por exemplo na proteção contra distúrbios autoimunes e cânceres. A Ingestão excessiva de vitamina D pode causar um quadro conhecido como Toxicidade por Vitamina D (VDT), caracterizada por hipercalemia, manifestações neuropsiquiátricas, gastrointestinais, cardiovasculares e renais. Apesar de que, geralmente, as pessoas possuem deficiência de Vitamina D, é importante realizar a dosagem sérica para que haja suplementação apenas se necessário²¹.

Vitamina C

A vitamina C, ou ácido ascórbico, é conhecida por ser um agente antioxidante capaz de eliminar os radicais livres e, de certa forma, afetar o sistema imunológico e até diminuir a suscetibilidade a infecções respiratórias virais e pneumonia. O uso de ácido ascórbico é capaz de reduzir a gravidade e a duração dos sintomas do resfriado comum¹⁵. Mas, já se sabe que o uso indiscriminado e em altas doses de Vitamina C pode causar principalmente problemas gastrointestinais, como diarreias, cólicas, dor abdominal, e dores de cabeça¹⁶.

Estratégias que podem ser adotadas para reduzir os riscos da automedicação

A pandemia da COVID-19 vem afetando sistemas de saúde e nações, de todo o mundo, tirando a vida de muitas pessoas. Como uma vibrante plataforma de mídia social, o Twitter projetou esse pedágio pesado através das interações e postagens feitas por pessoas relacionadas à COVID-19. É claro, que a coordenação das atividades de resposta à crise da saúde pública no mundo real e *online* é fundamental e deve ser uma prioridade para todos os sistemas de saúde. Precisa-se construir mais sistemas nacionais e internacionais de vigilância para detectar a propagação de doenças infecciosas e combater as notícias falsas que geralmente são acompanhadas por essas doenças⁸.

Os acadêmicos de ciências da saúde devem orientar a narrativa da COVID-19, identificando os desafios enfrentados pelas pessoas e agindo como especialistas desinteressados para resolvê-los. Estes também precisam denunciar publicamente os transgressores e responsabilizá-los por ausência de evidências científicas. Agora, é necessário se comunicar com o público e traduzir a literatura científica em termos que possam ser compreendidos e acessíveis, beneficiando-se do crescente interesse do público. Além disso, é essencial envolver nas soluções as diferentes plataformas de mídia social e tentar silenciar as pessoas mal informadas, ajudando a reduzir “notícias falsas”, inspirando os prescritores a abandonar a mídia sensacionalista e, antes, procurar respostas dentro da comunidade científica⁷.

Espera-se que os profissionais de saúde estejam atualizados com informações precisas e confiáveis, a fim de fornecer informações com a maior precisão e clareza. Por estarem localizadas no coração da comunidade e de fácil acessibilidade, as farmácias comunitárias podem ser uma fonte valiosa de informações baseadas em evidências para os consumidores. Os farmacêuticos comunitários são parte vital da resposta à saúde pública e, em muitos casos, são o primeiro ponto de contato, dada a natureza do acesso às farmácias. Eles têm uma responsabilidade compartilhada de manter o público e outros profissionais de saúde informados sobre evidências emergentes, especialmente em relação a possíveis tratamentos²².

As plataformas KT (*Kinetic Transfer*) devem investir no desenvolvimento de uma presença robusta nas mídias sociais e estabelecer relacionamentos com os principais jornalistas que podem aproveitar para ajudar a disseminar as evidências para uma ampla gama de públicos, incluindo formuladores de políticas, profissionais de saúde, organizações não-governamentais e o público em geral. Portanto, as plataformas KT devem ter uma estratégia de comunicação estabelecida para permitir uma resposta oportuna em tempos de crise e emergências. Além disso, as mensagens da mídia, incluindo o Twitter e outras plataformas de mídia social, devem ser baseadas em evidências, porém concisas e simples, utilizando vídeos, recursos visuais e infográficos sempre que possível, a fim de envolver leigos e tomadores de decisão. As entrevistas na televisão/rádio, podcasts e webinars online constituem outras maneiras de disseminar evidências relevantes para os tomadores de decisão²³.

Os meios de comunicação de massa também devem assumir a responsabilidade de fornecer informações corretas e criar compreensão entre os cidadãos. Os jornalistas têm um papel importante na comunicação em saúde e devem reconhecer que suas manchetes fortes, porém imprecisas e enganosas, agitam os membros do público, causam medo, interferem na comunicação pública e diminuem as contramedidas para o surto. Os profissionais de saúde devem cooperar com os meios de comunicação de massa e ajudar a diferenciar o que é conhecido e desconhecido. A comunicação eficaz não apenas contribuirá para diminuir o risco de comportamento inadequado, como visitas desnecessárias aos serviços de saúde, mas também ajudará a eliminar notícias falsas e discriminação contra pacientes e visitantes²⁴.

A regulamentação legal da publicidade de medicamentos pode ser melhorada por meios legais. As drogas, ao contrário de outros produtos, são um grupo de produtos especializados de consumo. Os riscos aumentam quando os pacientes sob a influência da publicidade “agressiva” recorrem à automedicação. Definir requisitos mais rígidos para o conteúdo da publicidade e das regras de colocação de produtos é algo que precisa ser seriamente discutido, no sentido em que se deve prever um mecanismo de controle público sobre a observância das normas éticas na publicidade de medicamentos²⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados encontrados, é possível afirmar que a automedicação influenciada é algo que precisa ser cada vez mais discutido, uma vez que pode causar sérios efeitos adversos e intoxicações. Quando relacionada com a pandemia da COVID-19, é comum que a automedicação além de trazer malefícios para os que estão ingerindo o medicamento sem recomendação médica, prejudique os usuários já dependentes desses fármacos, deixando sem acesso os que necessitam daquela terapia para o seu tratamento. É possível verificar que a quantidade de estudos que relacionam a automedicação com a realidade das mídias sociais é insuficiente, o que torna estudos como este de fundamental importância para o debate nas comunidades, bem como estimula o desenvolvimento de novas pesquisas nesse âmbito, especialmente, no contexto da pandemia.

É preciso que mais sistemas nacionais e internacionais de detecção e vigilância sejam criados, a fim de combater a propagação tanto de doenças infecciosas, quanto das notícias falsas que geralmente as acompanham, utilizando-se de cautela no momento de divulgação das informações sobre estudos científicos em andamento. Ressalta-se, também, a relevância de se consolidar uma união entre os profissionais de saúde com os meios de comunicação, para que assim sejam desenvolvidas formas de disseminação de informações por especialistas qualificados e treinados, a fim de minimizar os impactos que as *fake news* causam à saúde da população mundial.

REFERÊNCIAS

1. Ahmed W, Vidal-Alaball J, Downing J, López Seguí F. COVID-19 and the 5G Conspiracy Theory: Social Network Analysis of Twitter Data. *J Med Internet Res* 2020; 22(5): e19458.
2. Rovetta A, Bhagavathula AS. COVID-19-Related Web Search Behaviors and Infodemic Attitudes in Italy: Infodemiological Study. *JMIR Public Health Surveill* 2020; 6(2): e19374.
3. Naeem SB, Bhatti R, Khan A. An exploration of how fake news is taking over social media and putting public health at risk. *Health Info Libr Journal* 2020; 38(2): 143-49.
4. Ahmad AR, Murad HR. The Impact of Social Media on Panic During the COVID-19 Pandemic in Iraqi Kurdistan: Online Questionnaire Study. *J Med Internet Res* 2020; 22(5): e19556.
5. Menuci JM, Ferreira LP, Menegat IC. A influência da mídia no processo penal. *Temática* 2016; 12(1):170-184.
6. Inocencio LE, Martins LL. Reflexos no espelho do capitalismo: o caráter narcisista do consumo emoldurado pela persuasão do discurso publicitário. *Temática* 2011; 7(11): 1-11.

7. Tapia L. COVID-19 and Fake News in the Dominican Republic. *Am J Trop Med Hyg* 2020; 102(6): 1172-1174.
8. Abd-Alrazaq A, Alhuwail D, Househ M, Hamdi M, Shah Z. Top Concerns of Tweeters During the COVID-19 Pandemic: Infoveillance Study. *J Med Internet Res* 2020; 21;22(4):e19016.
9. Onchonga D. A Google Trends study on the interest in self-medication during the 2019 novel coronavirus (COVID-19) disease pandemic. *Saudi Pharm J* 2020; 28(7):903-904.
10. Moritz K, Seiberth JM, Schiek S, Bertsche T. The impact of evidence from clinical trials on counselling for over-the-counter drugs: A national survey of pharmaceutical staff in German pharmacies. *J Clin Pharm Ther* 2019; 44(6):895-903.
11. Larrouquere L, Gabin M, Poingt E, Mouffak A, Hlavaty A, Lepelley M, et al. Genesis of an emergency public drug information website by the French Society of Pharmacology and Therapeutics during the COVID-19 pandemic. *Fundam Clin Pharmacol* 2020; 34(3):389-396.
12. G1 Minas. Coronavírus: vendas de medicamentos aumentam durante a pandemia, e farmacêuticos alertam sobre o risco da automedicação [Internet]. G1 Minas Gerais, 2020. [acesso em 21 abr 2021]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/04/coronavirus-vendas-de-medicamentos-aumentam-durante-a-pandemia-campanha-alerta-sobre-o-risco-da-automedicacao.ghtml>>.
13. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (BR). Ivermectina e Nitazoxanida: volta a receita em uma via [Internet]. Brasília: ANVISA; 2020. [acesso em 21 abr 2021]. Disponível em: <http://antigo.anvisa.gov.br/en_US/noticias/-/asset_publisher/FXrpx9qY7FbU/content/ivermectina-e-nitazoxanida-voltam-a-receita-em-uma-via/219201?inheritRedirect=false&redirect=http%3A%2F%2Fantigo.anvisa.gov.br%2Fen_US%2Fnoticias%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_FXrpx9qY7FbU%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-2%26p_p_col_count%3D1%26p_r_p_564233524_tag%3Ddicol>.
14. Druml C. COVID-19 and ethical preparedness. *Wien Klin Wochenschr* 2020; 132(13-14):400-402.
15. Naeem SB, Bhatti R. The Covid-19 'infodemic': a new front for information professionals. *Health Info Libr J* 2020; 37(3):233-239.
16. Bauer SR, Kapoor A, Rath M, Thomas SA. What is the role of supplementation with ascorbic acid, zinc, vitamin D, or *N*-acetylcysteine for prevention or treatment of COVID-19? *Cleve Clin J Med* 2020; 87a.ccc046.
17. Conselho Federal de Farmácia (CFF). Levantamento mostra como o medo da Covid-19 impactou venda de medicamentos [Internet]. Brasília: CFF, 2020. [acesso em 10 ago 2020]. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747>.
18. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. CNS alerta: medicamentos ainda em estudos contra Covid-19, sem prescrição, podem causar danos à saúde [Internet]. Brasília: MS; 2020. [acesso em 10 ago 2020]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1085-cns-alerta-medicamentos-ainda-em-estudos-contracovid-19-sem-prescricao-podem-causar-danos-a-saude>.
19. Wong A. COVID-19 and toxicity from potential treatments: Panacea or poison. *Emergency Medicine Australasia* 2020; 32(4):697-699.
20. Zolk O, Hafner S, Schmidt CQ, German Society for Experimental and Clinical Pharmacology and Toxicology (DGPT). Naunyn Schmiedebergs Arch Pharmacol 2020; 393(7):1131-1135.
21. Kutti Sridharan G, Kotagiri R, Chandiramani VH, Mohan BP, Vegunta R, Vegunta R, Rokkam V. COVID-19 and avoiding ibuprofen. How good is the evidence? *Am J Ther* 2020; 27(4):e400-e402.
22. Sharma N, Landsberg E, Kumar V, Gambhir H. A Curious Case of Hypervitaminosis D. *Cureus* 2020; 12(6): 12(6):e8515.
23. Erku DA, Belachew AS, Abrha S, Sinnollareddy M, Thomas J, Steadman KJ, Tesfaye WH. When fear and misinformation go viral: Pharmacists' role in deterring medication misinformation during the 'infodemic' surrounding COVID-19. *Res Social Adm Pharm* 2020; S1551-7411(20):30455-1.
24. El-Jardali F, Bou-Karroum L, Fadlallah R. Amplifying the role of knowledge translation platforms in the COVID-19 pandemic response. *Health Res Policy Sys* 2020; 18(1):s12961-020-00576-y.
25. Pashkov VM, Olefir AA, Bytyak OY. Legal features of the drug advertising kwestie prawne dotyczące reklamy produktów leczniczych. *Wiad Lek* 2017; 70(1):133-138.

ABSTRACT

In the current context, the media, such as the internet, disseminate information on studies of experimental treatments for COVID-19, triggering self-medication. The objective was to present the influence of social media against self-measurement during the COVID-19 pandemic. This is a literature review, carried out in the databases: SciELO and PubMed, using the descriptors: Fake News, Self-medicine, COVID-19, Social media and Risk, combined by the Boolean operator “AND”. Publications between January and June 2020 were selected in English. It was found that social media is configured as a source of information during the pandemic. The population obtains knowledge about therapies, from digital media, favoring self-medication. Measures such as monitoring information shared on the networks and greater caution by professionals when disseminating findings are essential to minimize the risks caused by self-medication.

Keywords: Self-medication; COVID-19; Social Media; Risk.

RESUMEN

En el contexto actual, los medios de comunicación, como internet, difunden información sobre estudios de tratamientos experimentales para el COVID-19, desencadenando la automedicación. El objetivo fue presentar la influencia de las redes sociales en la automedicación durante la pandemia de COVID-19. Esta es una revisión de literatura, realizada en las bases de datos SciELO y PubMed, utilizando los descriptores: Fake News, Self-medication, COVID-19, Social media y Risk, combinados por el operador booleano “AND”. Se seleccionaron publicaciones entre enero y junio de 2020, en inglés. Se constató que las redes sociales se configuran como fuente de obtención de información durante la pandemia. A partir de los medios digitales, la población obtiene conocimiento sobre las terapias, favoreciendo la automedicación. Medidas como el seguimiento de la información compartida en las redes y una mayor prudencia por parte de los profesionales a la hora de difundir los hallazgos son fundamentales para minimizar los riesgos que provoca la automedicación.

Palabras clave: Automedicación; COVID-19; Medios de comunicación; Riesgo.